

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 51

DOMINGO - 30 de Maio de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## VALORES ECONÓMICOS DA PROVÍNCIA O FIGO DO ALGARVE

### EM CONFRONTO COM O DA TURQUIA

PELO DR. A. DE SOUSA PONTES

O RELATÓRIO do Fundo de Fomento de Exportação, de Janeiro último, informa que na Bélgica o nosso figo flor se cota, CIF, a cerca de 5\$00 por Kg, enquanto o da Turquia, tipo Smirna, tinha o valor de 9\$00, pelo mesmo peso.<sup>(1)</sup>

Esta diferença de 4\$00, num quilograma de figos, a que deve atribuir-se?

Elucidou o presidente da Junta Nacional das Frutas: é certo que a qualidade do figo turco, de pele mais fina e de maior volume, o explica em parte.

Mas a maior valia do figo turco resulta, sobretudo, do rotineirismo do lavrador algarvio, acompanhado de uma certa falta de confiança na organização que superintende na exportação.

Assim, enquanto o produtor da Turquia, depois do colher os seus figos, os expurga logo, nas câmaras de fumação, e imediatamente os entrega à Organização, que se encarrega da embalagem e exportação, o lavrador algarvio, na grande maioria, se expurga os figos, entulha-os em condições deficientes e começa a especular nos preços, com vários dos 500 intermediários inscritos no Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve.

É esta deficiência de tratamento dos figos provoca-lhes, ao fim e ao cabo, fermentações, que mais tarde os

vão desvalorizar, quando exportados. Por outro lado, sucede que a Junta Nacional das Frutas concede prémios para a construção de câmaras de expurgo e tulhas para a guarda de figos, prémios estes que vão até metade da despesa efectuada.

Porém, o que se tem verificado é que precisamente aquela maioria de pequenos lavradores que devia concorrer a estes subsídios, não o tem feito, mas somente os grandes lavradores.

Ora, é preciso saber que, segundo informa o «Inquérito às exportações agrícolas do Continente, de 1952», existiam no Algarve 21.301 figueirais, sem porém dizer a quantos proprietários eles pertenciam; mas o seu nú-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## “CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO”

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

FRASE

O JORNALISTA entrevista uma alta personagem, e, à saída, alguém lhe diz: «esqueceste de pedir-lhe o retrato e um autógrafa». Resposta do jornalista:

— «Não esqueci. Isso é muito corriqueiro. O retrato levo-o na mente. O autógrafa no coração».

Nós, os latinos, damos tudo por uma grande, uma linda frase. Ficamos deslumbrados com as lindas frases que fabricamos, e com as lindas frases que ouvimos.

Com frases nos levam os outros, e com igual moeda os procuramos nós levar também. Armamo-nos mutuamente citadas de retórica. Estou em dizer que no sangue nos circulam lascas de retórica.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## “OS ESQUECIDOS”

POR MARCOS ALGARVE

OS meus artigos sobre poetas algarvios e poetas esquecidos deram já lugar a três cartas, publicadas em jornais do Algarve.

A primeira foi do sr. José

Barão sobre o meu suposto esquecimento a respeito da poetisa D. Lutgarda de Caires; a segunda, do sr. Jaime Cunha, a agradecer a minha evocação dos rapazes novos dos «Cantares», sendo ele dessa geração o único sobrevivente; a terceira, do sr. F. M. Roriz, a quem hoje venho responder.

Não me sinto embaraçado com essas três missivas, qual delas a mais correcta e amável.

José Barão, como bom algarvio e artista nas horas de folga jornalística, apressou-se em avivar uma glória que pertence à sua terra; Jaime Cunha, com a sua elegância de antigo poeta e homem de letras, veio rectificar alguns pontos para mim desconhecidos; F. M. Roriz, finalmente, apresentou-se a erguer uma dúvida que ao

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## UMA ASPIRAÇÃO JUSTA UM NOVO QUARTEL PARA OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DESTA VILA

NA sua página dedicada às localidades da Província, inseriu o nosso importante colega da capital, «Diário Popular», num dos seus últimos números, um artigo em que se ventilam as necessidades da nossa corporação de Bombeiros Voluntários, nomeadamente a dum novo quartelamento, que lhes facilite a fácil arrumação das viaturas de socorro, acondicionamento do material e instalações capazes para instrução e exercícios do pessoal activo e recrutado.

Por parecer-nos de interesse geral e pelo facto de nestas colunas termos, por várias vezes, publicado os resultados da subscrição aberta para aquele efeito, a qual parece já ter dado significativas provas da incapacidade de o problema ser resolvido só pela generosidade particular, permitimo-nos transcrever na íntegra, com a devida vénia, o artigo do conceituado vespertino lisboeta.

«Se alguma instituição é digna de simpatia e merece o generoso auxílio do público, pelos serviços inestimáveis e desinteressados que a todos presta, essa é, sem dúvida, a dos Bombeiros e, mais especialmente, os Voluntários, que, sacrificando as suas comodidades e expondo a própria vida em benefício do semelhante, mais não exigem do que um pouco de compreensão pelo seu esforço. Infelizmente, sobretudo na Província, nem todos dispõem de material e instalações adequadas. Está neste caso a Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António.

Fundada em 12 de Janeiro

### Cantina Escolar

Sabemos que uma comissão de senhoras professoras, desta vila, está empenhada numa campanha de angariação de fundos para a criação de uma cantina escolar.

A ideia, que é extremamente simpática, deve merecer o melhor acolhimento e incondicional aplauso de quantos possam contribuir para transformá-la em útil realidade.



Comandante Luis Figueiredo

de 1890, tem esta prestimosa corporação, nos seus anais, um vasto repositório de feitos dignos de registo e de louvor.

Presentemente, a corporação conta com um activo de 88 homens e dispõe, como viaturas: de um pronto-socorro, uma auto-Magyrus, um autotanque, duas autobombas e uma auto-ambulância. Há pouco, conseguiu-se adquirir fardamentos novos para todo o efectivo. O seu actual comandante,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## TRATADOS SÃO PAPÉIS DA PAZ DA FRANÇA À PAZ DA RÚSSIA

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

A FÓRÇA sempre ganhou as guerras. A paz tem sido a lei do mais forte, uma norma imposta — espécie de túnica imaculada a esconder escandalosos roubos. E, talvez por isso, os tratados nunca foram mais do que papéis!

Façamos uma rápida revisão à história do século XIX. Ao entrar nela, deparamos com a águia napoleónica levando de vencida a Europa em peso.

Durante a sangueira surgiram os tratados... Em 1802, realteou-se o de Amiens, pelo qual a Inglaterra abandonou o Egipto e outras colónias. Três anos depois (26 de Dezembro de 1805), assinou-se o de Presbourg, onde a Austria foi retalhada.

Que pretendia o poderoso corso ante a assinatura de tantos papéis? O seu objectivo consis-

tia em tornar a Europa cada vez mais fraca, para melhor absorver os povos; destruir o império austríaco e dominar a altiva Inglaterra em benefício da hegemonia francesa.

A paz — rescaldo do incêndio do mundo — esboçava-se, apoiada nas baionetas de Napoleão! Em Junho-Julho de 1807, redigiu-se outro tratado: o de Tilsit. Ai, a Rússia e a Prússia foram espoliadas e enfraquecidas. Como resultado, apareceu o reino da Westfália e o Grão-Ducado de Varsóvia.

Em Outubro de 1809, tivemos outro tratado: o de Viena. Novamente foi a Austria a vítima, cedendo a Caríntia, a Croácia, e uma parte da Galícia!

Nisto consistiu a paz da França, que as nações europeias, após a campanha da Rússia, tentaram quebrar, num

último esforço. Agruparam-se para isso. Venceram. E no Congresso de Viena (Junho de 1815) rasgaram toda a papelada antiga e... desfiguraram completamente o mapa do mundo: A Rússia, a Prússia e a Austria, cada qual puxou a si o melhor quinhão.

Para a Inglaterra, temente do predomínio das nações continentais, era preferível que se formassem pequenos estados. Mas... a Austria reivindicou a Lombardia-Venezia, a Prússia uma parte do Saxe, e a Rússia estendeu as suas garras sobre a Polónia. A pretensão inglesa ficou reduzida ao pequeno Principado do Mónaco que adquiriu autonomia.

A França, ferida de morte, aceitou a paz que lhe deram e, pelo tratado de Paris (Novembro

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)



JOÃO LÚCIO

## POETAS ALGARVIOS

DESDE que a lenda enroupou de poesia a bela província do extremo Sul de Portugal, os seus homens entraram na intimidade das musas com o propósito do raio de Sol desflorando o vitral embaçado.

Dos ares lavados, do céu limpo, de diafanidades transpa-

rentes, do cascalhar alegre da prosódia das boas gentes da serra e do mar, do cartão colorido das amendoeiras em flor, de tudo ressumo poesia que firma as raízes na terra e comunga dos estados de espírito em que o ambiente mergulha as almas. E os seus poetas são românticos, amorosos, dum platonismo que tem qualquer coisa de ingenuidade das pálidas virgens ou dum arrebatamento que só tem parêlha na luz e na cor dos horizontes al-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Escolas Técnicas DO ALGARVE

Reuniu-se o conselho superior regional da Casa do Algarve, que tratou de vários assuntos de interesse para a nossa província, nomeadamente da criação da escola técnica de Vila Real de Santo António, já pedida oficialmente ao sr. ministro da Educação Nacional. Também foi apreciado o problema das escolas técnicas de Loulé, Portimão e Tavira.

A sessão, presidida pelo sr. Dr. José de Sousa Carrusca, assistiram representantes de vários concelhos do Algarve.

## COMPARTICIPAÇÃO IMPORTANTE PARA A MISERICÓRDIA DE OLHÃO

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, a importante comparticipação de 200.000\$00 à Santa Casa da Misericórdia de Olhão, com destino à construção do Centro de Assistência Social Polivalente daquela vila.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Com sua esposa, encontra-se entre nós o nosso prezado assinante e amigo, sr. Flaminio José Gil.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado assinante, sr. João Machado Vaz Velho, residente em Faro.

Acompanhado de sua esposa e filho, esteve nesta vila, de visita a sua família o sr. Dante Barbosa Guerreiro, nosso prezado assinante e amigo, residente em Lisboa.

Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. João Uva Sancho.

Cumprimentamos, nesta vila, o nosso prezado assinante e amigo, sr. António da Rosa Mendes, residente em Vila Nova de Cacela.

Retirou para Lisboa o nosso amigo sr. António Cabellos Oropeza Toledo, filho do nosso assinante e prezado amigo, sr. António Gomes Toledo, conceituado industrial de padaria nesta vila.

Esteve nesta vila o nosso estimado amigo sr. João do Brito Cerina, residente em Lisboa.

Esteve em Lisboa, donde já regressou, o nosso amigo e prezado assinante, sr. João Aguilera dos Santos, sócio-gerente da Empresa de Transportes do Rio Guadiana.

Em serviço oficial do Instituto Português de Conservas de Peixe, vimos nesta vila o nosso estimado amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. Alberto de Sousa Oliva.

Com sua esposa regressou de Sevilha o nosso prezado amigo e assinante, sr. Jacinto Rodrigues Cordeiro.

Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Francisco Medeiros Aleixo, residente em Lisboa.

Retira na próxima segunda-feira, para Lisboa, o sr. Manuel Hermínio Viegas Pinheiro, que de regresso do Canadá, esteve entre nós durante alguns dias, de visita a sua família.

Da sua digressão pelo país, em gozo de férias, já regressou a esta vila o nosso prezado amigo, sr. Manuel Martins Viegas A'lvares.

## Nascimento

Na maternidade local, deu à luz uma criança do sexo feminino, no passado dia 27, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Derruba Pires Duarte, professora oficial, esposa do nosso prezado assinante, sr. Ernesto Duarte.

Mãe e filha encontram-se bem.

## Agradecimento

## Manuel Tomé Ferreira

Maria Francisca Colaço Ferreira, António Rosa Mendes, sua mulher e filhos, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o saudoso extinto Manuel Tomé Ferreira, seu marido, compadre e padrinho.

A todos, o seu eterno reconhecimento.

Vila Nova de Cacela, Maio de 1954.

## Agradecimento

A família de Emília Solá Fernandes vem, por este meio, muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento de sua mãe, sogra e avó, no receio de que, por desconhecimento de moradas ou por qualquer outro motivo, tenha cometido alguma omissão nos seus agradecimentos. Igualmente agradece a todos os que a acompanharam à sua última morada e à missa por sua intenção, realizada na Igreja Matriz desta vila.

## Falecimentos

## D. Maria José Barata Formosinho

No passado dia 21, faleceu em Lagos, onde residia, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Barata Formosinho, esposa do nosso querido amigo e prezado assinante, sr. Dr. José dos Santos Pimenta Formosinho, ilustre Director do Museu Regional daquela cidade.

A saudosa senhora, que contava 64 anos de idade, pertencia a distintas famílias de Abrantes, e era dotada de extrema bondade, fazendo parte de diversas organizações de beneficência lacobrigenses.

A família enlutada, e em especial ao sr. Dr. José Formosinho, manifestamos a expressão do nosso sincero pesar.

## D. Guilhermina Nunes Correia

Faleceu em Lisboa, no dia 25 do corrente, a sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Nunes Correia, de 74 anos, natural de Lagos, casada com o sr. Francisco António Correia, mãe das sr.<sup>as</sup> D. Arminda Nunes Correia, professora do Conservatório Nacional de Música, e D. Luísa Nunes Correia Ribeiro, e dos sr. Major Almeida Nunes Correia e Dr. Francisco Nunes Correia, Meritíssimo Juiz desta comarca.

## António Viegas Calvinho

Após prolongado sofrimento, faleceu no passado dia 26, em Monte Gordo, confortado com os últimos sacramentos, o sr. António Viegas Calvinho, de 76 anos de idade.

O extinto, que deixa viúva a sr.<sup>a</sup> D. Eusébia Maria Calvinho, era tio do nosso amigo, Rev. Dr. Sezinando Oliveira Rosa e dos nossos prezados assinantes, sr.<sup>a</sup> D. Luísa Alves Nunes e Manuel Oliveira Rosa.

## Mariana Vaz de Assunção

Na Altura, faleceu, no passado dia 24, a sr.<sup>a</sup> D. Mariana Vaz de Assunção, de 70 anos de idade, natural da Altura, casada com o sr. José Botelho.

## Luísa dos Santos

No passado dia 26, faleceu, no sítio das Hortas, a sr.<sup>a</sup> D. Luísa dos Santos, viúva, de 72 anos de idade, natural de Albufeira.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

## Ricardo Luís dos Santos

Faleceu, em Faro, no dia 24 do corrente, o sr. Ricardo Luís dos Santos, cortador, de 70 anos de idade, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Florinda Inácia de Oliveira Santos.

O finado era pai da sr.<sup>a</sup> D. Alda de Oliveira Santos Rainha e do sr. Florindo de Oliveira Santos, e sogro do nosso prezado assinante, sr. Joaquim Sebastião Rainha, chefe da Caixa G. D. C. e Previdência, da Agência desta vila, e da sr.<sup>a</sup> D. Graciete de Oliveira Santos.

As famílias enlutadas, apresenta, «Notícias do Algarve», sentidos pêsames.

## TRATADOS SÃO PAPÉIS

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PAGINA)

de 1815), ficou amarrada a uma política reaccionária e conduzida às suas fronteiras de 1790. Os progressos ideológicos da revolução francesa estavam reduzidos a coisa nenhuma. Porém, a ideia não tinha morrido.

O jogo das potências continuou, incitando os gregos a revoltarem-se contra a tutela do sultão turco, senhor onipotente dum império temido e invejado. Em 1829, cheirava ainda a pólvora, o tratado de Andrinopla colocou à mesma mesa a França, a Inglaterra, a Rússia e a Turquia. A paz obteve-se à custa de novo esbulho: A Grécia ficou livre. O turco, lançado por terra, deixou que a Rússia se aproximasse do Danúbio e estabelecesse protectorados na Sérvia, na Moldávia e na Valáquia.

Era, finalmente, a paz dos Csares: Um grande sonho imperialista a realizar-se...

J. Silva Carvalho

## VENDE-SE

Prédio, situado na Rua S. João de Brito, 19, composto de 7 divisões, quintal e sobrado.

Tratar com Amália Azevedo, Vila Real de Santo António.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarviã

## Noticiário da Província

## OLHÃO

## Vida Religiosa

Em todo o Mundo Católico, realizou-se no passado domingo, em cumprimento dos desejos de Sua Santidade Pio XII, o dia da Oração Infantil pela Paz.

Incluída naquelas celebrações, a paróquia de Olhão, assim como as freguesias de Moncarapacho, Pechão, Quelães e Fuzeta, realizaram também cerimónias.

Em Olhão, freguesia de Nossa Senhora do Rosário, juntaram-se aproximadamente 700 crianças, das escolas particulares e oficiais desta vila, que receberam o Senhor.

Na rua Capitão João Carlos de Mendonça, foi erguido um altar encimado por um crucifixo, mesmo junto às paredes laterais da Igreja da Soledade.

Celebrou a Santa Missa o Cônego sr. Dr. António Baptista Delgado, acolitado pelo Rev. Padre Alagaia. Fez referências à missa o sr. Padre António Sebastião.

O recinto, apesar de ser bastante grande, encontrava-se completamente cheio, a demonstrar a grande fé. Viam-se ali, entre outras individualidades, os srs. presidente do Município, Major Madeira, Capitão Custódio e o presidente da Junta de Freguesia de Quelães.

No final daquele acto religioso, houve um almoço de confraternização entre as crianças.

## Legião Portuguesa

No Largo Capitão Carlos de Mendonça, realizou-se, depois da Missa Campal, o Juramento de novos recrutas da Legião Portuguesa.

Apareceram recrutas de Olhão, Faro e Tavira, que no acto presidido pelo sr. Major Madeira afirmaram que se encontravam dispostos a servir a Pátria. Depois da cerimónia, deram algumas voltas pelas ruas desta vila, e tiveram no final um lanche. — e.

## VILA NOVA DE CACELA

## Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Pato Nunes Rosa Mendes, professora oficial do ensino primário, casada com o sr. Manuel Guerreiro Rosa Mendes, empregado na Moagem de Cacela, Lda. Os nossos parabens.

## Falecimento

Causou geral consternação a morte do nosso amigo Mário Vicente Correia dos Santos, de 55 anos, solteiro, chefe de estação aposentado dos Caminhos de Ferro, natural de Tavira e residente em Faro, que há dias foi a Lisboa, a fim de consultar a medicina, onde faleceu.

O extinto, que prestou serviço na estação de Caminho de Ferro desta freguesia, durante cerca de 15 anos, deixou um amigo em quantos o conheciam. — e.

## Mocidade Portuguesa

Como noticiámos estão a decorrer as festas comemorativas do dia 28 de Maio e de encerramento das actividades.

Antes da sessão de cinema, dirigiu algumas palavras o Comandante de Castelo Jorge Jara Domingues, que exaltando o esforço dos percussores da Revolução Nacional, prestou homenagem aos seus continuadores, pedindo a todos os filiados, para que compenetrando-se do seu dever como membros da M. P. saibam cumprir o de bons Portugueses para, integrados no esforço desenvolvido, possam continuar a ser elementos conscientes, convictos e dignificantes do Portugal imorredouro.

Seguiu-se o sr. José Victor Adragão, subdelegado Regional que historiando o movimento comparou as ideologias políticas a dentro da dignificação do muito que tem sido possível realizar e do muito que em nítida colaboração dos sinceros poderá resultar para engrandecimento da nossa Pátria — Portugal.

Ontem realizou-se a Velada ao Castelo de Castro Marim, apresentando o mesmo um aspecto interessante visto ter sido iluminado por algumas dezenas de archotes.

A hora do nosso jornal começar a circular está-se a realizar a Missa por alma dos defensores da ordem.

Encerram-se hoje à tarde as festas, com provas náuticas e apresentação da classe de ginástica pelo sr. professor Luís Falcão Berredo Santos.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República - Telefone 12

## Agradecimento

Jorge Azevedo Mascarenhas, restabelecido da operação cirúrgica a que foi submetido, agradece reconhecido as provas de atenção recebidas de todas as pessoas que se interessaram pela sua doença, não fazendo os seus agradecimentos pessoalmente, por motivo de ter que se ausentar, brevemente, do país.

## Holland-America Line



AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA

TELEF. 21143/21789

## SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“AKKRUMDYK”

carrega em LISBOA em 14 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

«LOCH GART» — 1 de Junho

## AGENDA

## MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António

De 21 a 27 de Maio de 1954

## TRAINEIRAS

Leste	78.600\$00
Maria Rosa	77.140\$00
Brisa	66.165\$00
Liberta	64.915\$00
Sam Domingos	52.740\$00
Infante	52.230\$00
Tufão	48.755\$00
Raulito	47.000\$00
Flor do Sul	46.970\$00
Batinha	45.685\$00
Agadão	44.760\$00
Janita	32.170\$00
Norte	30.990\$00
Pérola do Guadiana	29.000\$00
Carmela	23.985\$00
Lervante	20.780\$00
Tóluiz	20.230\$00
Deolinda Rita	18.420\$00
Restauração	16.330\$00
Nice	10.800\$00
Alvarito	10.710\$00
Briosa	8.525\$00
Trío	8.440\$00
Costa Azul	8.060\$00
Lá Rose	7.735\$00
Novo S. José	7.475\$00
Farihão	7.400\$00
Boreal	5.110\$00
Mirita	3.510\$00
Persistente	3.050\$00
Arrifana	2.480\$00
Oca	1.750\$00
Total	901.910\$00

## CERCO

Portugal I	52.190\$00
Amazona	38.735\$00
Futuro de Olhão	22.300\$00
Azevedos	7.485\$00
Estrela do Sul	5.695\$00
Novo Machado	2.500\$00
Portimão	2.330\$00
Total	131.235\$00

## Atum da costa Algarvia

46 Atuns	61.541\$70
115 Atuarros	72.716\$70
25 Albacoras	11.312\$50
14 Cachorretas	1.715\$00
Total	147.285\$90

720 Pargos . . . . . 18.600\$00

## Atum da costa de Marrocos

212 atuns, com o peso de 32.975 Kgs.

## Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 22 a 28 de Maio:

## Entrados:

PEDRO MORON, Espanhol, de 28 ton., de Tânger, com atum fresco.  
 MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.  
 ROLANDSECK, Alemão, de 857 ton., de Faro, com carga em trânsito.  
 MOGADOR, Francês, de 1.164 ton., de Nantes, com folha de flandres.  
 MARIA LUISA 3.<sup>a</sup>, Espanhol, de 20 ton., de Tânger, com atum fresco.  
 PRIMOS, Português, de 109 ton., de Lisboa, com carvão.  
 MARIA MORENO, Espanhol, de 30 ton., de Tânger, com atum fresco.  
 ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.  
 PRAIA DA SAUDE, Português, de 45 ton., de Lisboa, com carvão.  
 ASTRA, Panamiano, de 1.299 ton., de Setúbal, vazio.  
 MANELICA, Português, de 86 ton., de Lisboa, com carvão.

## Saídos:

MADEIRENSE, Português, com sal, para o Funchal.  
 ROLANDSECK, Alemão, com cortiça, para Hamburgo.  
 ZÉ MANEL, Português, com enxofre e minério, para Lisboa.  
 MOGADOR, Francês, para Casablanca, com carga em trânsito.  
 PEDRO MORON e MARIA MORENO, Espanhóis, para Tânger, vazios.

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 29 de Maio a 4 de Junho, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

## Despedida

António Cabellos Oropeza Toledo, tendo retirado para a unidade onde vai prestar serviço militar, vem, por este meio, despedir-se de todas as pessoas suas amigas, visto não ter sido possível fazê-lo pessoalmente, como era seu desejo.

Torneio Popular de Futebol Inter - Sócios

O «Porto» continua sem perder e o «Náutico» teve a sua primeira derrota

HORTALENSE, 1 — FLOR DE LIS, 1  
1.º Tempo — 1-0

A'rbíto: Norberto Cavém.  
Hortalense: Domingos; Tamissa e Pereira; Mário, Rui e Lima; Primo, Sérgio, Emídio e Igreja.  
Flor de Lis: Dias; Lança e Helder; Samúdio, Pedro e Bernardino; Viegas, Lima, Farinha, Cândido e Neves.  
Marcadores: Lima e Lima.

Os hortaleses fizeram esquecer a jornada anterior, obrigando-nos a admitir que a mesma foi um caso pouco vulgar na vida do grupo, pois até então, não havíamos registado qualquer facto que desabonasse o seu comportamento disciplinar.

Agora, impossibilitados de disputar esta partida com o máximo de elementos que a lei permite, pois, como consequência daquela tarde de triste memória, foram castigados 4 dos seus titulares, e dispondo durante todo o tempo de 10 unidades apenas, opuseram tenaz resistência ao antagonista, obrigando-o a aceitar o empate como o seu resultado lógico.

Porque nunca se verificou na parte de qualquer dos seus jogadores a mínima intenção de fugir aos preceitos do bom desportista, mesmo em especiais condições como estas, não hesitamos em louvar aqui a quase totalidade da mesma turma que oito dias antes nos tinha decepcionado.

Diga-se, porém, que a Flor de Lis, seu adversário de agora, correspondeu inteiramente a este comportamento, aceitando os revezes do jogo sem perder a calma e contribuindo, assim, para o que atrás dissemos.

BEIRA-MAR, 1 — LAZARETO, 1  
1.º Tempo — 1-1

A'rbíto: José Lopes.  
Beira-Mar: Trindade; Celso e Calvo; Pires, Carmo e Travassos; Rosa, Botequilha, Norberto, Zéca e Brito.  
Lazareto: Romeu; Lopes e Rui; Fernando, Santos e Daniel; Marques, Ismael, Borges, Marco e Dionizio.  
Marcadores: Ismael e Pires.

O Lazareto, dado como provável vencedor antes da partida principiar, acabou por ceder um ponto, ante o maior entusiasmo deste.

Torna-se bem clara a melhoria do grupo de Monte Gordo, criando de jogo para jogo maior consistência e experiência e faltando ao respeito àqueles que se consideram consagrados.

Esta melhoria deve ser recebida com regozijo, pois é forçoso contar com a equipa para os futuros jogos a disputar, deixando de considerá-los fáceis, o que empresta ao Torneio mais um interessante atractivo.

Desta vez não chegaram a impor-se os excelentes médios que manobram toda a equipa azul. Foi flagrante a sua inferioridade, não chegando a dar-nos um ar da sua valia. Sem dúvida uma tarde cinzenta para esquecer.

No capítulo disciplinar nada ficou digno de nota.

J. C.

PORTO, 2 — NÁUTICO, 1

A'rbíto: J. Mortágua.  
Porto: Viegas; Viegas II, Samúdio e Tomé; Humberto e Parra; Guimarães, Antero, Salas, Modesto e Ramires.  
Náutico: César; Ruas, Samúdio e Molarinho; Cipriano e Gregório; Cavaco, Canario, Ezequiel, Pereira e Feliciano.

No fim do primeiro tempo: 2-0. Golos de Antero e Guimarães. O ponto dos vencidos foi alcançado por Cavaco.

As equipas do «Porto» e do «Náutico» eram as únicas que não tinham derrotas e, precisamente, as que haviam revelado maior capacidade. O encontro oferecia, portanto, boas perspectivas que, afinal, não deixaram de se verificar.

Embargo do respeito que nos merecem a correcção e a energia com que os «portistas» se bateram na defesa da sua baliza, não podemos deixar de considerar o resultado final em desarmonia com o decorrer do jogo, cujo comando, excluídos os dez minutos iniciais, pertenceu abertamente ao «Náutico». Houve até um longo período da segunda parte em que os «náuticos» dominaram com grande intensidade, trocando o esférico entre si com precisão e facilidade. Falharam, porém, no remate, aproveitando apenas uma das numerosas oportunidades que disfrutaram.

A arbitragem do sr. Mortágua foi imparcial e cuidadosa, só pecando por não castigar as intervenções de jogo perigoso em que foi pródigo o n.º 6 do Porto, Parra.

K.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Porto . . . . .	5	4	1	—	10-6	9
Náutico . . . . .	4	3	—	1	10-5	6
Atlético . . . . .	5	3	—	2	5-4	6
Lazareto . . . . .	5	2	1	2	9-8	5
Celeiro . . . . .	5	1	2	2	10-10	4
Flor de Lis . . . . .	6	1	2	3	6-12	4
Hortalense . . . . .	4	1	1	2	4-6	3
Beira-Mar . . . . .	6	1	1	4	6-10	3

às 10 horas — Lazareto-Náutico, árbitro, Balbino Madeira.  
às 15,30 horas — Porto-Hortalense, árbitro, Norberto Cavém.  
às 17,30 horas — Celeiro-Atlético, árbitro, José David.

VENDE-SE

Por 200 contos, uma FAZENDA em Çacela, sítio do Buraco.

Dá informações e aceita propostas João Pedro Correia, Vila Real de Santo António ou Alfredo Tenório de Figueiredo, rua 4 de Infanteria, 857-4.º Esq. — Lisboa.

A DESPEDIDA

de Artur do Nascimento

Não foi eloquentemente demonstrativa a festa de despedida de Artur António do Nascimento!

O rectângulo de jogos do estádio «S. Luís» não estava repleto, especialmente do lado do sol.

Nem sequer faltou para dar maior brilho ao festival uma banda de música.

Foi um reboar de palmas sem fim, num crescendo de intensidade, que durou bastantes minutos, quando Artur surgiu aos olhos do público. As frases laudatórias proferidas ao microfone, por várias individualidades, quanto aos predicados do homem e do jogador, foram sublinhadas com palmas frenéticas.

As ofertas de amigos, camaradas da bola e admiradores, deram a nota afectiva e provaram que as boas e sólidas amizades não morrem.

O gesto da criança, equipada com as cores do Portimonense, oferecendo um lindo ramo de flores ao homenageado, honra a turma de barlavento, que soube ser finalmente gentil!

Num gesto que não surpreende, por ser próprio de um atleta, soube responder com elegância e elevação, ao brilhantíssimo elogio, com louvor, que lhe foi concedido pela Direcção Geral dos Desportos, declarando que, como atleta disciplinado e cumpridor, se encontrava sempre ao dispor do futebol algarvio.

PROGRAMA

A festa teve início com um jogo entre os «velhos» do Lisboa e Faro e Farense, cujo resultado foi de 3-2 a favor dos encarnados. Arbitrou a partida o sr. António da Silva Gago, antigo árbitro e actualmente membro do Conselho Técnico da Associação de Futebol de Faro.

A seguir, entraram no campo as equipas que gentilmente se dignaram tomar parte na parada, e que são as seguintes: Sport Lisboa e Faro, Futebol Clube Vitória, São Luís Futebol Clube, União Sport Clube, Clube de Futebol Bonjoanenses, Louletano, Lusitano, de Vila Real de Santo António, Silves Futebol Clube e Montenegro Futebol Clube. Desfilaram perante o público, enquanto a Banda de Música do Sport Lisboa e Faro executava algumas marchas. Destas equipas, a que mais se distinguiu foi a do Lisboa e Faro, por levar todas as suas secções.

Quando as equipas do Farense e do Portimonense se encontravam em alas, Galinho e José Lopes, antigos jogadores do Farense, foram buscar às cabanas Artur, que no meio do terreno cessaria a sua carreira de jogador. O silêncio foi profundo.

A seguir, houve uma pequena cerimónia e em primeiro lugar falou o Presidente do S. C. Farense, sr. José Pires, que agradeceu a Artur os seus brilhantes serviços em prol do clube.

Falou depois, em nome da Direcção Geral dos Desportos o sr. Dr. Luís Sabbo, delegado daquela entidade no Algarve, que em público leu o louvor.

O sr. Dimas Duarte Lima, em nome da Associação de Futebol, enalteceu as virtudes do homenageado.

E por último, um director do Lisboa e Faro, sr. José de Oliveira, pediu para que os novos desportistas seguissem as virtudes de Artur, jogador dedicado e disciplinado.

Artur a todos agradeceu com aquele sorriso a que nos acostumou. Palmas, muitas palmas.

Jogou dez minutos do encontro Farense-Portimonense, em que se registou o empate a duas bolas, com golos marcados por Bezerra e J. António, pelo Portimonense, e Vinuesa e Queimado, pelos visitados.

No fim desses dez minutos, o árbitro da partida, sr. José Nunes, parou o jogo para dar entrada a Celestino, que ocupou o posto de Artur.

Findara a carreira de Artur, que é exemplo a seguir, como Grazina.

Campeonato Nacional de Juniores

Com o empate de 1-1 alcançado pelos rapazes algarvios, no passado domingo, frente ao Desportivo de Beja, no Estádio Municipal daquela cidade, já estão apurados para os quartos de final, visto terem na 1.ª mão ganho em Olhão por 4-0. O Olhanense jogará hoje com o Lusitano de Évora.

O onze representativo da C. P. EM MONCARAPACHO

Moncarapacho brevemente vai estar em festa, pois tem a visita duma excelente equipa de futebol, que certamente vai agradar a todos os moncarapachenses.

Em visita turística, deslocar-se-á, muito em breve, a esta freguesia o onze representativo das oficinas da C. P., do qual fazem parte alguns excelentes jogadores do nosso futebol.

Heroullano Valente

SECÇÃO DE CINEMA

Portugal

Quem, como nós, segue de perto a quase inactividade dos estúdios e laboratórios nacionais, quem ouve e troca impressões com as duas ou três dezenas de técnicos cinematográficos do País, ou quem ainda tem ocasião de auscultar, por vezes, as entidades mais intimamente ligadas ao cinema português, tem de reconhecer sem esforço que se entrou numa fase que, a prolongar-se por mais tempo, poderá ser fatal.

(Do artigo de fundo do n.º 3 da «Imagem», sem comentários).

Espanha

Segundo dados da imprensa diária de Madrid, recolhidos pelo Sindicato Nacional de Espectáculos do país vizinho, as trinta e oito películas, estreadas em 1953, foram classificadas como segue: duas foram «muito boas»; oito «boas»; sete «razoáveis»; sete «sufriáveis»; oito «parcialmente-más»; três «más»; uma «péssima» e duas «sem classificação».

Independentemente destes precários resultados, os homens do cinema espanhol queixam-se de que o público está abandonando cada vez mais as salas onde se exibem produções nacionais, preferindo as obras estrangeiras.

França

Marcel Carné, que tem em exibição, no S. Luís, o magnífico filme «Teresa Raquin», está actualmente dirigindo «O ar de Paris» com Jean Gabin e Arletty.

Nos estúdios de Saint-Maurice, Cristian Jaque, de quem não esquecemos «Do Sangue nasceu uma cruz», um filme que deveria ser exibido em todos os cinemas do país, filma «Madame Du Barry» com Martine Carol na protagonista.

Os três filmes da selecção francesa em Cannes foram:

«Antes do dilúvio», que continua a colaboração Charles-Spaak-André Cayatte, o argumentista e o realizador de «Faz-se Justiça» e «Nós somos todos assassinos» (exibido com o título de «Pena de Morte», em Portugal).

«Antes do dilúvio» foca, como os seus predecessores, a responsabilidade do homem diante dos problemas dos seus semelhantes. «O Jogo Completo» dirigido pelo alemão Robert Siodmak e «Luz e Sangue» de Georges Rouquier, completam a selecção francesa no Festival.

Itália

Foi estreado em Lisboa o filme «Um marido para Ana» de Giuseppe di Santis, a que a crítica da imprensa diária, exceptuando o «Diário da Manhã», tecer os maiores elogios.

Em Cannes, o filme «Pão, Amor e Fantasia» foi considerado o mais legítimo sucesso popular no Festival.

Futebol em Castro Marim

CELEIRO, 3 — CASTRO UNIÃO, 2

Aproveitando o seu dia de descanso no Torneio Popular em curso, deslocou-se a Castro Marim, a fim de disputar com o clube local um encontro amigável, o Grupo D. «Celeiro», desta vila. Alinharam e marcaram, os seguintes elementos:

Celeiro: Vaz; Ulisses e Peres; Fernando, Jorge e Ismael; Raimundo, Rafael, Norberto (2), Andrade (1) e Fernando.

Castro União: José Félix; Palhete e Juanito; Nogueira, Raul e Jorge; Mirones, Albano, Martins, Mascarenhas e José da Cruz (2).

Ao intervalo o resultado era de 2-1 favorável ao Celeiro.

J. C.

VITORIANO ROSA

val. E' uma realização de Luigi Comencini, de quem até agora só vimos filmes medíocres, como «O 7.º Mandamento» e «Persianas Corridas».

Hollywood

Num momento em que os estúdios americanos alardeiam os progressos do cinerama, do 3-D e do cinemascopo, a atribuição do Óscar para o melhor filme do ano recaiu, numa produção de técnica elemental, a preto e branco, «Até à Eternidade», que é dirigido por Fred Zineman, com Burt Lancaster e Deborah Kerr. De notar que o filme rompe com as limitações do Código Hays, com cenas muito pornográficas, como por exemplo uma longa sequência de um beijo, durante a qual as ondas do mar revoltado banham os dois amantes estendidos na praia, sem que eles estejam o seu enleio...

Definindo a sua posição relativamente à censura, oito grandes companhias produtoras e distribuidoras pediram que ela fosse abolida.

TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
As oficinas gráficas preferidas pelas principais firmas do País  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

MINISTÉRIO DA ACONOMIA Direcção-Geral dos Combustíveis EDITAL

Eu, António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, Engenheiro-Chefe da 2.ª Repartição-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal (Sacor) pretende obter licença para ampliar a sua instalação de armazenagem de gasóleo, sítio no Cais de Vila Real de Santo António, freguesia de Nossa Sr.ª da Encarnação, concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.084, de 1/10/88, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 86.270, de 9/5/47, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.084, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 20 de Maio de 1954.

O Engenheiro-chefe da 2.ª Repartição, António da Costa Macedo

PRÉDIOS

Vendem-se, nesta vila, dois Prédios na Rua da Princesa, n.ºs 37 e 39, e dois na Rua Miguel Bombarda, n.ºs 34 e 36.

Tratar com Mateus Fernandes, Rua João de Deus, 106 — Vila Real de Santo António.

DESSPORTISTAS!!!

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!

À VENDA NAS BOAS CHAPELARIAS



Fábrica Condestável S. JOÃO DA MADEIRA



## UM NOVO QUARTEL A ASPIRAÇÃO dos BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DESTA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

que exerce funções desde 1920, (se bem que, desde 1908, venha prestando serviços à corporação e ao concelho, com zelo, competência e dedicação), é o sr. Luís A. Cardoso de Figueiredo, várias vezes vereador municipal, admirado e estimado por todos quantos lhe conhecem as qualidades e as realizações. A ele se tem devido — directa ou indirectamente — quase todo o progresso da corporação, à qual se devotou, de corpo e alma, há 35 anos, mesmo com prejuízo da saúde e da sua vida particular.

Compensações materiais, nunca o dedicado comandante Luís Figueiredo as teve nem procurou. Consolações de ordem moral, tem-nas na estima e apreço de todos os bombeiros de Portugal, que bem o conhecem, e muito especialmente no respeito e amizade dos seus subordinados. No entanto, sabemos que a maior consolação, que hoje poderia ter, seria ver edificado, finalmente, um quartel condigno, para os seus homens e para o material de socorro.

Faz pena assistir à maneira como os bombeiros daquela vila tentam o impossível: acomodar as viaturas numa casa de exíguas dimensões, bem como as manobras complicadas que são forçados a efectuar, cada vez que tenha de sair um pronto-socorro ou a ambulância, o que está a suceder com frequência crescente. Não faz sentido que numa terra com o movimento de Vila Real de Santo António os seus bombeiros (para mais voluntários) se vejam forçados a receber instrução e a fazer exercícios de adestramento na via pública, já que a casa existente nem sequer apresenta requisitos mínimos para arrecadação do material.

Existe já o terreno para a edificação do novo aquartelamento, no local do antigo cine-teatro, e, segundo nos informam, o projecto orça em 600 contos, mas há possibilidades de fazê-lo reduzir a cerca de 500. Ora a verba conseguida, até agora, para as obras, resulta de uma subscrição pública e há vários anos que se está arrastando (é o termo) na casa dos 10 contos, pelo que não vemos forma de o quartel poder vir a materializar-se, a não ser mediante um substancial auxílio do Estado e do Município local.

Será esta a única forma de ter viabilidade a almejada edificação do quartel, de que não poderão subestimar-se a importância e a urgência, se atentarmos nas gerais preocupações da hora decorrente, em que a defesa passiva prevê o concurso dos bombeiros, com papel de suma relevância.

Os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António esperam e confiam em que lhes sejam facultados os meios de construir o seu necessário quartel.

**N. da R.** — Consta-nos que, segundo o novo plano de urbanização, o local previsto para o novo quartel já não será o designado pelo artigo antecedente, mas outro, situado, possivelmente, na zona Norte da vila.

## POETAS ALGARVIOS

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

garvios... em tudo semelhantes e dignos da encantadora terra de El-Gharb, o moço rei enamorado que ofereceu à sua amada, saudosa das neves do seu país natal, a sedosa neve algarvia!

Terra de mouras encantadas, arrastando seus faustos por brasonados castelos de avoengos que o escudo dos cruzados atirou para além-Mediterrâneo, o Algarve, de barlavento a sotavento, é, na verdade, o berço da poesia. Para os seus vates parece-nos errónea a definição que fez Fernando Pessoa: «o poeta é um fingidor/Finge não completamente...» João de Deus, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, João Lúcio — para falar somente naqueles que a morte já levou — não precisaram de fingir. Bastou-lhes sentir a cor e a luz, berrantes, álacres, do céu algarvio, a tentação do mar com seus velhos roteiros de Quinhentos (Sagres é o luzeiro do nauta destemido!), o cheiro da terra-mãe, anestesiante, envolvendo as narinas, para se traduzirem em poesia, na mais pura poesia da nossa literatura.

João de Deus foi o nosso lírico por excelência. As suas composições onde a sobriedade e o vigor das imagens correm paredes meias, são, sem dúvida alguma, o retrato fidelíssimo da sua província alegre e banhada de sol a jorros. O poeta de S. Bartolomeu de Messines foi, com Bernardo de Passos, o mais platónico dos nossos amorosos. Quem há que não conheça a ode dedicada a Raquel a requestada beleza dos seus tempos de Coimbra, ou o divinal Hino de Amor?

Bernardo de Passos, cuja memória a ilustre poetisa, Natércia Freire, há tempos evocou como só o sabem fazer os verdadeiros artistas, tem um soneto que é a confissão desassombada do seu leit-motif. Por ele se pode aquilatar da obsessão que o reino do Sul do Tejo representa para os seus filhos poetas.

*«Minha aldeia, voltei! Avé-marias...  
Teu crepúsculo de oiro até parece  
Que me canta, e me embala, e me  
[adormece,  
A florir a amargura dos meus dias...»*

*Como a urze das tuas serranias,  
Poeta aqui nasci, sem que o sou-  
[besse...»*

*E aqui, — visão de estrelas e de  
[prece, —  
Vi meu primeiro amor, quando me  
[vias!]*

*Minha aldeia, voltei! Anoiteceu...  
Sobre o meu coração, como num  
[ninho,  
Estendes a asa de oiro do teu céu...»*

*E ele dorme e sorri, — o abandonado!  
Como dorme e sorri um passarinho,  
Sob a asa da mãe agasalhado...»*

Cândido Guerreiro, que a morte arrebatou no ano de 1953, juntamente com Antero de Figueiredo, aparece-nos, de entre os poetas algarvios, como o mais tocado pela euforia da cor, da luz, do movimento, retratados no céu, no mar, na terra e nas gentes! Suas poesias parecem ditadas pelos ardores dos trópicos, tamanho é o calor, a emoção, sensuais, pagãos, que as animam. Há bençãos de Ceres, ambrosias do Olimpo, requêbros de Vênus, reflexos do belo sol mediterrâneo, investidas heróicas de ousados cavaleiros medievos, à mistura na sua poética. Quem o lê fica subjugado pelo poder animico das suas palavras. Ele é o mais aristocrata, na poesia algarvia, eufórico e endoidado

pela luz a jorros e cor berrante, como o foi na prosa o saboso autor de *Cartas a Columba-no*. Os seus livros — *Eros*, *As tuas mãos misericordiosas*, *Sonetos*, retratam, por isso, a presença do inevitável tema.

*«Minha terra embalada pelas ondas,  
Lindo país de moiras encantadas  
Onde o mar tece lendas e onde as  
[fadas,  
Em castelos de lua dançam ron-  
[das...»*

Descendo e O meu Algarve, este como o próprio título nos deixa perceber, colocam João Lúcio na esteira de Cândido Guerreiro, Bernardo de Passos e João de Deus — cantores enamorados das amendoeiras floridas.

Presentemente o encantador país de El-Gharb sustenta a sua flâmula através de jovens poetas, a quem a tradição e o clima sui generis desta costa debruçada «sobre o mais belo dos Mediterrâneos» dá novos aletos, revigorando e rejuvenescendo os velhos temas. Hernâni de Lencastre, com *Jardins Suspensos e Espumas Irizadas*, ocupa um lugar ao Sol, com todo o merecimento.

O Algarve caminha, pois, para o plano da Andaluzia, a província que o moço bruxo de Granada cantou nos seus versos estranhos mas soberbamente formosos, retalhados pelas evocações que encheram a sua vida. Embora não chegasse ainda àquela identificação da própria terra com o poeta (como no caso de Lorca), o certo é que cada vez mais o Algarve está sendo traduzido, com toda a profundidade na nova poética, mais que qualquer outra região natural portuguesa.

Dinis de Ramos

### Chá Venas de café

#### QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

#### DAR E RECEBER

**DIZ-SE** que um bandeirante do sertão brasileiro, depois de ter feito larga e trágica odisséia por terras nunca dantes pisadas, e após ter encontrado ricos filões de ouro, se apresentou na Corte de Lisboa, anunciando-se como portador de exóticos frutos, que vinha oferecer.

Os cortesãos ouviram, mas duvidaram. O próprio Rei duvidara, e tanto assim que, logo de entrada, perguntou ao homem:

— Que me vindes pedir?  
— Não venho pedir, Majestade. Venho dar.

E, assim falando, o bandeirante ofereceu, ao Rei, frutos do longínquo Brasil fundidos em ouro — no ouro recém-descoberto.

O dar, conjugado limpamente por qualquer de nós, provoca sempre algum cepticismo. Cada um de nós julga o seu próximo apenas capaz de conjugar, com desembaraço, o receber.

#### HABENT VERBA SUA FATA:

**AS** palavras têm os seus fados. Em «Portugal semente de Impérios», refere o escritor brasileiro, Gustavo Barroso, a verosímil história da palavra York.

Folheando aquele escritor documentos em latim, na Biblioteca pública de Évora, encontrou o adjetivo eboracensis. E, tendo esse vocábulo, ocorreu-lhe, por associação de idéias, a legenda que se ostenta no brasão da cidade de Nova York: Colonia Nova Eboracensis.

Como se explica esta semelhança de palavras? Muito verosimilmente, assim: Os Romanos teriam dado o mesmo nome a outra cidade da Britannia, onde estiveram, como dominadores. A Évora do norte ter-se-ia transformado em York, por acomodação linguística à língua sa-

## VALORES ECONÓMICOS da Província

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mero deve ser bastante elevado. Na zona ao sul do Tejo existiam, no mesmo ano, 49.629 figueirais, em exploração agrícola.

O que atrás se relata é suficiente para explicar como o rotineirismo do nosso lavrador, aliado à sua ganância, na especulação, é responsável pelo mau estado com que o nosso figo se apresenta no mercado estrangeiro, em concorrência com o figo dos outros países concorrentes, e daí o menor preço que ele obtém.

E tanto isto é assim que, segundo a mesma entidade acima indicada, os figos do morgado de Quarteira e de outros produtores progressivos do Algarve são disputados pelos exportadores... o que não sucede com o figo dos restantes produtores.

Em conclusão: se existe o espírito rotineiro fortemente imbuído no lavrador algarvio, é preciso esclarecê-lo convenientemente.

Para isso, parece-nos que a imprensa regional devia ser chamada a colaborar numa campanha de divulgação de práticas agrícolas, que fizesse melhorar a produção. E como o analfabetismo ainda é elevado entre nós — aldeias há, onde ultrapassa os 60% — em 1950 — convinha que, aproveitando a Campanha de Educação de Adultos, que está sendo levada a efeito pelo Ministério da Educação Nacional, os filmes de propaganda agrícola, que existem na Repartição de Estudos e Propaganda, do Ministério da Economia, fossem passados mais vezes no Algarve. Tantas quantas as necessárias para justificar o provérbio: *água mole, em pedra dura...*

A Junta Nacional das Frutas e o Grémio dos Exportadores de Frutos do Algarve são entidades que conhecem muito bem o problema, como de resto o atestam os estudos já feitos e publicados, e outros, agora em curso; e a verba que arrecadaram por ano, proveniente da saída do Algarve dos frutos secos, — e que, em 1953, atingiu cerca de 2.022 contos —, justificam que sejam empregados todos os meios para que todos os lavradores algarvios beneficiem da divulgação de conhecimentos que melhorem a economia do nosso Algarve.

Indicamos, por último, o valor da exportação de figos para o estrangeiro, ultramar e ilhas adjacentes, segundo a Junta Nacional das Frutas, em 1953 (valor da mercadoria colocada a bordo do navio, isto é, incluindo os direitos de exportação e taxas, embalagens e despesas portuárias).

	Contos	Ton.	Valor p/Kg.
Figo flor. . .	1.384,7	261,3	5330
Figo m/flor. . .	5.107,8	1.228,2	4316
Figo mercador. . .	3.595,2	763,6	4371
Figo caldeira. . .	104,0	49,5	2310
Pasta de figo . . .	59,8	15,5	3886
Totais . . .	10.251,5	2.318,1	4342

O figo enviado para o mercado interno, no mesmo ano, segundo o Relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, foi de 12.530 tons., que foram adquiridas ao produtor, assim como as supracitadas 2.318,1 tons., ao preço médio de 2\$00 por Kg.

Nesta produção de figos, o Estado arrecadou de direitos de exportação, \$08/Kg., num total de 185 contos, e a Junta Nacional das Frutas e o Grémio dos Exportadores de Frutos, \$05/Kg., num total de cerca de 321 contos.

A. de Sousa Pontes

(1) Segundo o boletim Serviço Informativo, da Junta Nacional das Frutas, de Abril do corrente ano, as cotações dos figos, da campanha finda, registadas no mercado belga, foram as seguintes, por Kg.:

figo flor — qualidade Mimososa —  
em Brunelas . . . . . 6\$70  
figo Smirna, corrente. . . . . 1\$90

#### Visado pela Comissão de Censura

xónica. O itinerário seria talvez um destes: ou Eborac, Evora, Ivor, Iork, York, ou Eborac, Evorac, Ivorac, Iork, York.

Mesmo que nenhum destes itinerários seja, filologicamente, verdadeiro, habemos de convir que, pelo menos, iludem.

O que não repugna admitir é que Nova York encubra a portuguesíssima expressão Nova Évora!

Digamos, então, em latinzinho: Habent verba sua fata... as palavras têm seus fados...

Cruz Malpique

## OS ESQUECIDOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

seu espírito lhe pareceu justa. Sinto-me reconhecido aos três argumentadores, que vieram ajudar-me a lembrar os esquecidos, esses seres a quem a luz astral da poesia beijou a fronte e coloriu a alma.

E' dentro dos versos que eu antevejo o supremo bem, a melhor filosofia e aquela imaginária e divina claridade, a quem o nosso João de Deus comunicou esta visão artística:

*Foi-se-me pouco a pouco amorte-  
[cendo*

*A luz que nesta vida me guiava,  
Olhos fitos na qual até contava  
Ir os degraus do tûmulo descendo.*

\* \* \*

Conheço a quadra do cabo Pinheiro, há bem meio século, e reputei-a sempre como da sua lavra. Estarei laborando em equívoco? E' possível.

Também há muitos anos fui vítima do plágio dum soneto meu, em um diário de Lisboa, que facilmente se esclareceu, ficando o plagiador — um estudante de Medicina — em maus lençóis...

Vamos, pois, tentar esclarecer a confusão desta quadra. O cabo Pinheiro, na verdade, era fértil em versos humorísticos, especialmente visando homens políticos.

A referida quadra serviu de mote a quatro glosas magníficas, frementes de graça e ironia.

Não as quero reproduzir para não levantar arições à minha próxima viagem para o mundo, onde as almas dos mortos, como as dos vivos, andam em intrigas contínuas...

Na qualidade de livre pensador, é claro, receio que o cabo Pinheiro, o Pedro Dinis, o António Aleixo, o Manuel Alves e outros colegas, populares ou não, me recebam de porrete à esquina, como antigamente era costume dizer-se.

Conto, no entanto, para a minha ascensão aos páramos celestes, com o auxílio de S. Pedro, de quem fui humilde continuador, durante quinze dias, nas fundas águas de Sagres. Dessa minha vida de pescador e crente, acidentada e longínqua, darei em breve conta aos leitores do «Notícias do Algarve».

O meu delicado contraditor Roriz, na minha exposição presente, se houve plágio da parte do poeta barlaventino, eu colaborei nele como Pilatos no credo...

Lavo as minhas mãos e não me esquecerei de chamar à responsabilidade o belicoso cabo Pinheiro, ao topá-lo na minha frente — no chamado Reino da Glória!

Marcos Algarve

## ÓPTICA

Antes de aviar a vossa

receita, deveis consultar a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

Vila Real de Santo António

Onde encontrareis valioso serviço, a

preço muito convidativo.